



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

MEDICINA E PALHAÇO: O PESO E A LEVEZA NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Roberto Koya Hasegawa Filho

RESUMO

Até que ponto cabe uma atitude de leveza frente à doença? Se a doença é um momento de peso, como pode o profissional agir frente a esse quadro? O presente texto é uma tentativa de mostrar o que é ser palhaço, apesar de ser um estado que deve ser vivido, e como o médico (e outros profissionais) poderia se aproveitar dessa nobre arte para aprimorar seus relacionamentos com seus pacientes.

Palavras-chave: Doença. Medicina. Palhaço.



Quanto mais pesado é o fardo, mais próxima da terra está a nossa vida, e mais real e verdadeira ela é. Em compensação, a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semi-real, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes.

- Kundera

O que se espera de um médico? Quando se está em consulta com um, espera-se que ele seja amigável, compreensível, acolhedor e, principalmente, competente. Todo paciente quer a cura para sua doença. Entretanto, muitos se queixam da incapacidade do profissional em oferecer um atendimento de qualidade. Dificilmente alguém conseguiria definir uma única causa, específica para este fato, como se definiria a etiologia de uma doença. Existem múltiplos fatores que podem influenciar, desde o meio do trabalho até a história pessoal do médico. Mas vale pontuar que um dos fatores mais importantes é a formação profissional. Hoje, a nossa educação é tecnicista. Há a supervalorização do objetivo, com a contrapartida de renegar o subjetivo. O que não é mensurável não é considerado científico. Apesar dos grandes avanços da ciência, ainda existem muitos casos que permanecem sem diagnóstico, ou tratamento. A medicina não é uma ciência exata e, na medida em que nem sempre fornece respostas, pode ainda oferecer conforto e segurança por parte do médico.

O presente texto é uma reflexão sobre a formação do palhaço e de como seu treinamento pode auxiliar dentro da formação médica. O autor busca fazer uma síntese



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

sobre o que é ser palhaço e sobre o poder de transformação desta figura tão marcante. A partir de uma pesquisa nesta arte há 5 anos, no *ProCura: a arte da vida*, um grupo voluntário que atua na ala da pediatria do Hospital das Clínicas da UFPR, o autor traz conceitos que podem acrescentar no contexto do ensino médico.

O PALHAÇO

O cotidiano impõe a cada pessoa uma vida agitada. Nós somos orientados a produzir e encontramos cada vez mais dificuldade em criar conexões significativas. Nós nos orientamos cada vez mais para o exterior, enquanto o mundo interno permanece fechado ao outro. Muitas vezes perdemos a possibilidade de interagir com outra pessoa pelo simples medo da exposição. As conversas se tornam banais, e a sensação de solidão cresce.

A conotação que se dá ao termo *palhaço* neste texto não se refere unicamente àquela figura estereotipada com nariz vermelho e fala tola. Ser palhaço não é apenas buscar o riso, mas também despertar a emoção. Ele trabalha com o próprio corpo, momentaneamente, de acordo com o que sente e o que percebe do público, para despertar sentimentos naqueles que o assistem. No palhaço existe a tentativa de criar relações de verdadeira empatia e ir além da superficialidade. Cada novo encontro é uma possibilidade nova e, mesmo que dure apenas um momento, pode ser significativo e mudar perspectivas.

No livro *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera traz a seguinte questão: “O que é mais positivo, o peso ou a leveza?” (2008, p. 11). Será que uma vida vivida apenas no etéreo é uma vida sem sofrimento? E será que uma vida vivida apenas com base na realidade é uma vida feliz?

A sociedade atual vive sob a égide das imagens (Alencar, 2010). A mídia nos transmite imagens de pessoas felizes, que têm uma vida satisfatória e realizada; pessoas que vivem na leveza. Ao mesmo tempo, a mídia nos passa a idéia do poder; a idéia de que precisamos dele para sermos felizes. Essa dicotomia é uma das origens das nossas angústias. Poder e prazer são conceitos opostos. Aquele envolve a concentração de energia, enquanto este envolve o fluir dessa energia (Lowen, 1984). O poder nos traz o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

fardo do peso; o prazer nos traz a insignificância da leveza. Das dicotomias a que somos expostos nascem as nossas neuroses.

Quando o polo norte se aproximar do polo sul quase a ponto de tocá-lo, o planeta desaparecerá e o homem ficará num vazio que o atordoará e o levará a ceder à sedução da queda. (Kundera, 2008, p. 240)

O denominado caráter genital¹ já não é possível de ser encontrado dentro da sociedade. Ele é, de acordo com Navarro (1995), um “elefante branco”. A evolução da consciência no ser humano foi um passo definitivo na estruturação da sociedade neurótica em que vivemos. A história de Eva, utilizada por Lowen, faz muito jus a situação:

No jardim havia duas árvores cujos frutos eles estavam proibidos de comer: a árvore do conhecimento e a árvore da vida. A serpente tentou Eva para que comesse o fruto da árvore do conhecimento, dizendo-lhe que era bom. Eva protestou, dizendo que, se comesse o fruto proibido, morreria. Mas a serpente argumentou que ela não morreria, porque tornar-se-ia como Deus, que distingue o bem do mal. Eva então comeu o fruto e convenceu Adão a fazer o mesmo. Assim que o fizeram, eles conquistaram o conhecimento. (Lowen, 1997, p. 19)

Não nos tornamos como Deus; apenas ganhamos consciência das nossas falhas. Ao mesmo tempo em que a formação da consciência estabeleceu o ser humano como espécie dominante, ela também estabeleceu a estruturação da neurose. Um animal não tem consciência, e não tem neuroses. Da mesma forma, um bebê não tem consciência e também não tem neuroses². A base de toda neurose está na incongruência entre o que a pessoa deseja e o que a sociedade impinge (Reich, 1998). A sociedade impõe a imagem da perfeição; e a partir do momento em que temos a consciência de que estamos impossibilitados de alcançar isso em plena extensão nos tornamos angustiados.

Apesar da impossibilidade da perfeição, nós estamos presos a essa imagem de perfeição. Nós queremos mostrar ao mundo o nosso lado certo e disfarçar o errado. Nós estabelecemos o *acordo categórico com o ser*: a crença de que o ser humano é bom e deve procriar (Kundera, 2008).

Enquanto foi permitido ao homem permanecer no Paraíso, ou [...] ele não defecava, ou, o que parece mais verossímil, a merda não era considerada algo repugnante.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Ao expulsar o homem do paraíso, Deus lhe revelou sua natureza imunda e o nojo. O homem passou a esconder aquilo que o envergonhava, e mal afastava o véu, era ofuscado por uma grande claridade. Assim, logo depois de ter descoberto a imundice, descobriu também a excitação. Sem a merda (no sentido literal e figurado da palavra) o amor sexual não seria como o conhecemos: acompanhado por um martelar do coração e pela cegueira dos sentidos (Kundera, 2008, p. 242).

Da dicotomia entre a natureza pura e imunda, nasceu o que Kundera chamou de *kitsch*: o “ideal estético [de] um mundo onde a merda³ é negada e onde cada um de nós se comporta como se ela não existisse” (Kundera, 2008, p. 243). O *kitsch* é a máscara de beleza com que nos combrimos, para esconder do campo visual o que a essência humana tem de inaceitável e que foge do *acordo categórico com o ser*. É a repugnância contra a nossa própria merda que permite a estruturação dos níveis de caráter, descritas por Reich (1946):

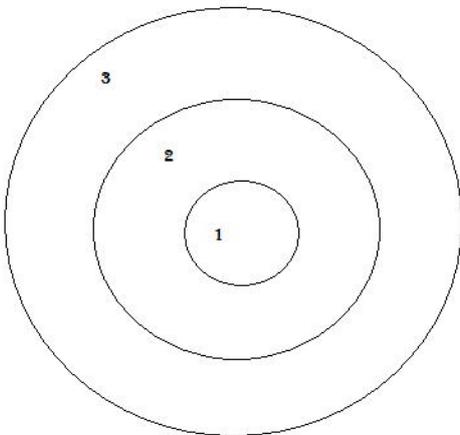


Fig. 1 – Os três níveis do caráter. 1) Cerne biológico, 2) Sombras, 3) Máscaras

O *kitsch* permite que se estruture ao redor do cerne biológico uma camada das sombras, que a nossa consciência quer reprimir por considerá-la inadequada; e acima desta camada, uma outra camada mais superficial, das máscaras. Assim como o *kitsch* é responsável pela estruturação do caráter em três camadas, ele também é responsável pela própria cegueira de cada um, aquela falsa imagem que criamos de nós mesmos. Tomo mundo sabe que é falho, mas poucos conseguem apontar o próprio erro. Cada ponto cego nosso é um traço ou tendência que recusamos em aceitar (Wilber, 2004). A negação das sombras é a busca da perfeição, na procura de se tornar cada vez mais



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

parecido com Deus. Só que, quanto maior a busca, menos humanos nos tornamos e mais na superficialidade nossas relações se estabelecem.

Todos os aspectos da nossa auto-imagem (do nosso ego) que são incompatíveis com aquilo que à primeira vista acreditamos ser o melhor para nós mesmos, ou todos os aspectos que alienamos nos momentos de tensão, nos impasses ou grandes dilemas – todo esse potencial de autodesenvolvimento é abandonado. O resultado é que estreitamos a nossa identidade até que ela se torne uma pequena fração do nosso ego (Wilber, 2004, p. 300).

Cada neurose se estabelece no inconsciente. São padrões que utilizamos que estão incrustados nas nossas sombras, e por conviver a tanto tempo com elas acreditamos que sejam naturais. Porém, a sombra atravessa nossa camada mais superficial em certos momentos, e as atitudes que elas desencadeiam acabam trazendo para a consciência aspectos seus (Wilber, 2004). E nós sofremos com esses atos falhos porque a nossa consciência quer lutar contra eles e escondê-los; ela ainda quer manter o *acordo categórico com o ser*. Nós somos ensinados que as nossas primeiras idéias são insatisfatórias, porque são psicóticas, obscenas ou não originais (Johnstone, 1981). Ao invés de aceitar e rir delas, nos afundamos na vergonha.

Um dos exemplos mais marcantes da influência do *acordo categórico com o ser* aparece durante as oficinas de palhaço ministradas pelo ProCura. No primeiro encontro do grupo⁴, o coordenador responsável por ministrar a oficina pede para cada um se apresentar de um modo um pouco distinto. Em uma roda, a primeira pessoa que vai se apresentar olha no fundo dos olhos daquele que está a seu lado e diz “Olá, eu sou (nome completo) e eu sou um(a) idiota”. As instruções são simples e, considerando que é um grupo de palhaço, espera-se facilidade e disposição em mostrar esse lado mais tolo de si. Porém, é incrível a resistência que a maioria dos participantes tem em falar essa frase. Eles permanecem na tendência de manter a imagem que eles acham que os outros têm deles. Eles ainda não estão preparados para assumir suas falhas.

O palhaço, em si, é uma tentativa de romper o *kitsch*. Ele é o resultado do erro e da inocência. A alma do palhaço está em aceitar esse lado mais enegrecido de si e rir do próprio ridículo. Quando mostra o seu lado errado ele vai além das máscaras e atinge o ponto da emoção. Ao expor o seu ridículo, ele lembra que o erro também é permitido e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

quebra o *acordo categórico com o ser*. O palhaço expõe o peso da sua própria realidade quando mostra aquilo que os outros têm vergonha de mostrar, mas o faz de uma maneira leve, com o poder que o riso tem em quebrar a regra da perfeição. Quando ri de si mesmo, o palhaço quebra a rigidez do ego. A sua atitude se encontra na leveza e no prazer, mas a sua inspiração está no peso da própria existência. Como diria Dario Fo:

O poder, qualquer poder, teme, mais do que tudo, o riso, o sorriso, a troça, a gargalhada. Pois a risada denota senso crítico, fantasia, inteligência, distanciamento de todo e qualquer fanatismo. Na escala de evolução humana, temos, inicialmente, o *homo faber*, em seguida o *homo sapiens*, e finalmente, sem dúvida, o *homo ridens*. Este é o mais sutil, difícil de submeter e enquadrar. (Fo, 2009, p. 187)

A DOENÇA E O CORPO

O que a doença representa para cada paciente? Sem dúvida, a doença é um momento de fraqueza. Ela é um processo essencialmente corporal, de quebra da nossa imagem e que traz o indivíduo de volta para si, para seu momento atual. Não existe doença que não se manifeste no corpo. Além do componente orgânico, existe o componente metafórico atribuído à doença. Mesmo a doença mental manifesta-se no corpo, ou na ausência de identidade com esse corpo. Muitas vezes ser diagnosticado nos enraíza novamente em nossa realidade e nos dá um novo foco. De certa forma, é uma quebra do nosso narcisismo e daquela imagem corporal idealizada que temos.

Frente à doença, as pessoas buscam significado. Na concepção de Viktor Frankl (1987), a partir do momento em que o sofrimento passa a ter sentido, deixa de ser sofrimento. Seguindo neste raciocínio, encontrar um significado para a moléstia é uma forma de encontrar um sentido para o que sofremos. Em seu livro *Éter, Deus e o Diabo*, Reich (2003) comenta sobre duas formas de raciocínio: o misticismo e o mecanicismo. Ambas as formas retratam bem o modo que pacientes e profissionais de saúde utilizam para lidar com a doença. O místico busca uma explicação surreal, enquanto o mecanicista nega as sensações.

Na busca da compreensão de sua moléstia aparecem certos medos, denominados medos arcaicos, que cada indivíduo pode vivenciar de uma determinada forma e determinado grau, de acordo com sua personalidade e com a enfermidade que apresenta (Guex, 1988):



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

- Temor de alienação: medo de que a nova situação acarrete abandono, rejeição ou isolamento.
- Temor de mutilação: medo de um golpe na integridade corporal.
- A súbita confrontação com a própria fraqueza: a descoberta da vulnerabilidade pode desencadear diversas reações, principalmente reativar sentimentos de culpa, pecados a resgatar ou contas a acertar.
- Temor da perda de controle: sentimentos de autonomia, de utilidade e de influência podem ser abalados pelo aparecimento da doença e levar ao desequilíbrio psíquico.

O PALHAÇO E O MÉDICO

A doença é uma situação que acarreta peso à existência do indivíduo. Junto com a doença aparecem dúvidas quanto ao futuro. Dados estatísticos são muito úteis para avaliar a fisiopatologia de uma doença e a eficácia de um determinado fármaco. Entretanto, atender e conviver com a pessoa doente envolve uma dimensão maior que a biológica, também englobando a relação do indivíduo com a sociedade, e também com ele mesmo, num nível psicológico, corporal e espiritual. Essa é uma relação qualitativa demais para ser avaliada apenas em dados quantitativos.

Hoje, as escolas médicas ensinam o que é ser doente, mas pouco sobre o que é estar doente, e menos ainda sobre o que é estar saudável. Nosso modelo de ensino é basicamente tecnicista; ele nos ensina a seguir *guidelines*, mas peca no ensino de relacionamentos. Aprende-se a se relacionar vivendo relacionamentos, com curiosidade pelo outro. O médico deve se interessar pelo seu paciente para entender como funciona a dinâmica dessa relação.

O âmbito da doença e do hospital são pesados. Sobre o paciente é descarregado um excesso de informações. Ao mesmo tempo em que se dá o diagnóstico, o paciente recebe informações sobre prognóstico e burocracias. É muita informação. O paciente mal teve o tempo de assimilar seu “novo status de doente” e já está sendo bombardeado com novos dados. Cabe ao médico perceber as limitações do paciente e ter consciência de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

que cada pessoa tem seu tempo para assimilar. Afinal, o paciente não tem o nível de conhecimento do médico.

Afinal de contas, pelo que nós lutamos? Para viver ou para sobreviver? Frente ao peso da medicina e da doença, não seria uma boa idéia atuar com a leveza oferecida pelo palhaço em prol de um serviço mais humanizado e um ambiente mais acolhedor?

¹Fase final da estruturação do caráter, atingida quando todas as fases precedentes são superadas adequadamente.

²Essa não é uma citação generalizada. Naturalmente, esses dois seres não deveriam possuir neuroses. Mas o que se verifica é que existem animais encouraçados, que têm medo, devido ao contato com o ser humano. Da mesma forma, muitas crianças já são rígidas, perderam sua espontaneidade e não se dão a liberdade de tentar; estão fixas numa forma de ver o mundo já.

³A palavra “merda”, no texto, denota aquilo que nos envergonha e queremos esconder. Apesar de ser esteticamente feia, a palavra representa o mais fielmente possível o significado que o autor quer transmitir.

⁴Normalmente estudantes sem nenhuma experiência em artes cênicas ou do palhaço.

REFERÊNCIA

ALENCAR, CGV. Verdadeiro e falso self: a problemática de ser e de viver no mundo do 007 e da Barbie. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em:

www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em 01/12/2012.

FO, D. **Manual mínimo do ator**. 4ª ed. São Paulo: SENAC, 2009. 384 p.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre: Sulina, 1987. 174 p.

GUERX, P; MAC DONALD, S. O papel de um grupo de relaxação-eutonia na melhora da qualidade de vida de pacientes cancerosos. In: HERMANT, G. **O corpo e sua memória**. São Paulo: Manole, 1988. p 211-217.

JOHNSTONE, K. **Impro**: improvisation and the theatre. London: Methuen, 1981. 208 p.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 309 p.

LOWEN, A. **Alegria**: entrega ao corpo e à vida. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1997. 144 p.

LOWEN, A. **Prazer** – uma abordagem criativa da vida. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1984. 232 p.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HASEGAWA FILHO, Roberto Koya. Medicina e palhaço: o peso e a leveza na prática profissional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995. 93 p.

REICH, W. **Análise do caráter**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 494p.

REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo; A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 334 p.

REICH, W. **The mass psychology of fascism**. 3ª ed. New York: Orgone Institute Press, Inc., 1946. 432 p.

WILBER, K. Assumindo responsabilidade pela própria sombra. In: Zweig, C.; Abrams, J (Org.). **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 2004. p 298-304.

AUTOR

Roberto Koya Hasegawa Filho / Curitiba / PR / Brasil – Estudante de medicina pela UFPR, cursando Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR, e ex-coordenador da frente Clown do projeto de humanização ProCura: a arte da vida.

E-mail: roberto.hasegawa@gmail.com